

# MARIA APARECIDA AQUINO

Prof. de História Contemporânea da Universidade de São Paulo, instituição pela qual se graduou em História e concluiu mestrado e doutorado em História Social. Sua área de pesquisa concentra-se em História das Representações Políticas. Publicou, entre outros, *Censura, imprensa e Estado autoritário* (1968-1978) e *No coração das trevas: o DEOPS/SP visto por dentro* – v. 1 (com Marco Aurélio V. L. de Mattos).

## **Vários governos da América do Sul têm se valido de um discurso de esquerda, com tinturas socialistas. Estaríamos assistindo ao renascimento do socialismo e/ou ao de uma nova ordem internacional?**

Não vejo renascimento porque teria de admitir que o socialismo morreu, e não acredito que ele tenha morrido. Penso que o que existe na América Latina é uma eleição de presidentes de fato mais à esquerda, com uma retórica que pode ser considerada quase socialista nos moldes tradicionais, e que, portanto, traz uma nova caracterização a esse lado do mundo. Pode-se dizer que está ocorrendo o contrário do que se passou na década de 60, quando tivemos uma série de golpes militares e uma direitização dessa região do continente. Hoje, vejo uma situação inversa e positiva. Mas não acho que se trate de uma nova ordem internacional. Acho que as relações internacionais estão se modificando muito. Não que, em razão da queda do muro, exista apenas um lado; mas que este lado, os EUA, também precisa se repensar urgentemente. Os gastos da Guerra do Iraque, previstos por um secretário norte-americano em U\$ 200 bi, já chegaram a U\$ 500 bi. Então, é urgente que essa grande e única potência, que pretende ser hegemônica em tudo, também se repense, o que significa que, nas próximas décadas, as relações internacionais vão se modificar, dando espaço, principalmente, aos chamados BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), os países emergentes. Posso estar sendo extremamente otimista, mas, a se configurar essa “bricização” do mundo e esses países emergentes se tornarem dominantes, não vejo os EUA assumindo o comando. A impressão que tenho é que muito dificilmente virão a assumir o mesmo tipo de hegemonia que possuíam, e isso seria o começo de uma nova forma de organização mundial.

## **Esses novos governos de esquerda favorecem aquilo que a esquerda sempre buscou favorecer: a igualdade social?**

Não. No meu tempo de luta, quarenta anos passados, olhando o que aconteceu a partir da primeira eleição do Lula, o cenário não podia ser melhor: eleito pelo voto direto e democrático um candidato operário. Uma vez no poder, as coisas não são assim. Mas eu sou otimista. Penso na última cena do filme Gabriela Cravo e Canela, quando o cara diz que continua sendo o senhor, um tipo de ACM, e que trocaram apenas um pelo outro – mesmo que tenha mudado pouco, é diferente. Na minha trajetória de existência eu nunca vivi um tempo em que as coisas fossem como são; está a léguas de distância do que sonhei, mas acredito que muita coisa mudou. É inevitável pensar que se tem um olhar para o social; colocar o social na pauta já é uma coisa muito boa, mas de forma alguma é o regime dos sonhos.

## **A Sra. entende que a política externa brasileira para a América Latina tem sido adequada?**

Acredito que ultimamente ela tem sido ambígua. Se formos pensar historicamente, tivemos regimes terríveis no Brasil – basta pensar o de 30 e o pós-64 –, e mesmo assim podíamos elogiar a política externa. Externamente, o Brasil nunca errou muito. Agora, nesse momento específico, em que fatalmente seremos instados a arbitrar conflitos na América do Sul – e o caso recente entre Colômbia e Equador é apenas o fio da meada –, não sei se, a insistir nessa tendência de querer agradar a todos, o Brasil se sairá bem. Penso que ele terá de descer do galho, e até o momento não desceu. No momento, acho que a política externa em relação ao continente é equivocada. Entendo que deveria haver uma intervenção mais direta. É absurdo o caso recente de uma invasão de território com assassinato de pessoas, uma situação de notório abuso. O Brasil precisaria ir além da ponderação; teria de ter uma ação mais direta, juntar a OEA, fazer as coisas acontecerem. Se não o fez agora, posteriormente será chamado a fazê-lo, pois esse caso tende a evoluir. Acredito que o Brasil terá de ter uma intervenção mais direta nas questões que se avizinham, que estão próximas.

## **Nesse entrevero, apareceu o conceito de guerra preventiva como justificativa à invasão do território equatoriano. O passo seguinte seria reintroduzir o tema da internacionalização da Amazônia?**

Que o olho está à frente, não há dúvida; e que se vai tentar, como se tenta há muito tempo, esta política de “flexibilização” da Amazônia, entre outras coisas, também não. Agora, mesmo vendo essa resolução muito ambígua da OEA, em que o Brasil acaba ajudando a trazer a teoria da guerra preventiva ao continente, acredito que não tenderá a ter continuidade. Creio que o continente não aceitaria esse caminho, a não ser que queira desaparecer. Havia uma situação de fato e era preciso dar uma resposta imediata, aceitando-se as desculpas formais da Colômbia e deixando tudo como está para evitar uma guerra. Penso que a doutrina Bush foi usada nesse caso porque já não se tinha o que fazer, com a OEA buscando evitar a continuidade de um conflito e salvar alguma coisa. Tenho a impressão que isso não vai evoluir, mesmo porque a opinião pública – conceito bastante difícil de se utilizar – desses países reagiria fortemente, e isso em qualquer governo.

## **Há, de fato, na América do Sul e em outros lugares, uma certa animosidade em relação à política e à cultura estadunidenses?**

À política estadunidense, cada vez mais; à cultura, mais difícil. A atual produção cultural é um bloco e todos os programas de TV e filmes enlatados entram em nossas casas de uma maneira tão forte que geram comportamentos generalizados difíceis de conter. Assiste-se Big Brother massivamente, e o que é isso? Olhar o cotidiano do outro, ver a si mesmo, *voyeurismo* explícito. Quando se verifica que uma das votações envolveu 64 milhões de pessoas, e que o Lula, em 2006, se elegeu com mais de 50 milhões de votos, você tem um fato que não é desprezível. Conseqüentemente, a entrada dessa cultura está tão impregnada em tudo que dificilmente conseguiríamos mudar tal situação. Mas isso é o que vivemos em termos de dia-a-dia; se pensarmos em termos de décadas, isso tende a se transformar. O homem do século XIX não imaginaria que a influência inglesa deixaria de existir, ou que a influência cultural francesa seria abandonada, mas elas já são coisas do passado. Assim, penso que isso tenderá a se transformar, mas de forma mais lenta que a mudança política, no passo de uma história de longa duração.

## **Vamos a Cuba: que mudanças se pode esperar na ilha, tanto na política interna quanto nas relações externas? Pode-se esperar dos países sul-americanos uma posição de acolhimento em relação a Cuba, diferentemente do que fez a OEA, e alguma “flexibilização” em relação ao direito de ir e vir?**

Penso que o Fidel sabe que está muito doente, provavelmente uma doença terminal, e que não poderia deixar um vácuo político. Assim, fez a transição (alguns dizem que com muito atraso), e nela se preparam mudanças. Acredito que, para o futuro, o que é essencial será preservado: os ganhos do povo cubano durante o regime de Castro. Evidentemente, coisas como abertura econômica e política, inclusive no campo das relações internacionais, necessariamente ocorrerão. Mas, como sou otimista, sem perda dos ganhos que já foram conquistados. Não dá para pensar uma Cuba como era nos anos 50, bordel dos Estados Unidos, acho que isso não virá a acontecer. O isolamento foi construído e alimentado como fruto da guerra fria e foi muito ruim para Cuba. Isso está próximo do fim, o que não vejo como algo negativo. De fato, o embargo foi proposto pelos EUA e capitaneado pela OEA, sem nenhuma ação desta para mudar a situação; ao contrário, ela contribuiu tremendamente para sua manutenção. Mas estamos em outro momento. Na década de 60, vivíamos sob o *script* da guerra fria; hoje a América é completamente outra, trata-se de reconstruir relações internacionais com Cuba. Nesse aspecto o Brasil terá uma posição importantíssima: há relações amistosas, mesmo que sejam pessoais do presidente brasileiro com a família Castro, mas esse será um aspecto muito importante na restauração dessas relações, as comerciais, por exemplo, que já vêm sendo retomadas. Penso que isso deve se aprofundar e avançar para outros países. Portanto, não vejo situação de isolamento. Quanto ao direito de ir e vir, acho que pode levar tempo, mas precisa acontecer. Porque a opinião pública internacional, se é que ela tem algum peso, vê isso com horror, como um absurdo. Há pessoas que esperam chegar as Olimpíadas para fugir, o que não tem cabimento. Caso essas mudanças continuem a se efetivar em Cuba, essa restrição não pode nem tem condições de continuar, o que será uma coisa fantástica e faz parte do pacote.

## **Os capitalistas, na defesa de seus interesses, demonstram solidariedade internacional; o mesmo parece não acontecer mais com os trabalhadores – eles ficarão para trás?**

Não sei se vão ficar atrás. Eu acho que é preciso ver um certo movimento na sociedade. Se pensarmos internacionalmente, entre os anos 70 e os 80 temos uma grande época de ascensão dos movimentos sociais, e no Brasil a gente conheceu claramente esse movimento. As pessoas estão mais organizadas e é essa organização que nos permite avançar, inclusive politicamente. A partir da década de 90, bafejada que foi pelo Consenso de Washington, desestruturaram-se profundamente as organizações sociais e as dos trabalhadores. Mas veja que isso é temporário, porque esse Consenso já é coisa do passado; a própria década de 90, com as receitas do caminho e de como deviam ser as coisas para todo o mundo, também hoje é vista como ultrapassada nos países. Não digo que virá novamente o *keynesianismo*, mas alguma coisa intermediária virá. Nesse vir-a-ser, obviamente os trabalhadores tenderão a voltar a se organizar. Acredito que não nas mesmas bases, mas voltarão a se organizar. Este momento é particularmente difícil, da década de 90 à contemporaneidade, uma década muito ruim em termos de organização social. Mas não tem jeito, os trabalhadores se organizarão, mas creio que em outras bases.

## **Passemos à educação no Brasil, na área de sua especialidade: como anda o ensino de História, em especial na educação básica?**

Muito ruim, como tudo aliás. Os próprios exames feitos pelo governo o demonstram: os resultados são sofríveis em Matemática e Língua Portuguesa, e essas são as áreas de grande investimento no ensino. Na área de História, o buraco é muito mais em baixo. Se a disciplina de História entrasse nesses exames tenho a impressão de que o desastre seria total, os resultados, caóticos. O ensino vai muito mal. E tenderá a ir mal à frente porque qualquer mudança que seja feita leva tempo. O ensino que obtive nos anos 60, em escolas públicas, era de primeira, e eu estudei em uma das cinco grandes escolas do estado. Entrávamos direto na USP, sem cursinho. Voltei a essa escola pública em 1972, como professora, enquanto ainda fazia faculdade, pois naquela época os estudantes davam aula. O que eu vi já foi de assustar: num curto período de tempo houve uma grande transformação, que foi se acelerando até chegar ao caos. Aquilo que eu achava muito ruim em 1972 tinha um componente que hoje não vejo: o ensino estava mal, mas havia profissionais preparados. Hoje, a questão da formação dos professores é gravíssima. Como se faz para transformar se você tem um pessoal com severas restrições de formação, mas que vai permanecer na escola até a aposentadoria? Em primeiro lugar, é preciso subir drasticamente os salários, chega de dar cursinho para o professor. Quem sabe se os salários subirem ele faça o cursinho com gosto e isso lhe tenha serventia. Sem isso, não há possibilidade de alterar o quadro. Quem acabou ficando no magistério? Aqueles que não iam para outras áreas. Ninguém quer ser professor hoje. Para mudar a “cara” do professor, que é visto como um profissional subempregado, mesmo em termos de mentalidade, isso levaria muito

tempo, e mais tempo ainda para chegar à rede.

## **Convivemos com um quadro em que se chega ao limite da agressão física contra o professor. Proletarização e desintelectualização docentes não teriam afetado seu prestígio na sociedade?**

É preciso analisar no atacado e no varejo. No varejo, dentro da sala de aula, esse “espetáculo” de violência e desrespeito total, inclusive contra o professor, e que tende a se proliferar, é uma mostra de que não há prestígio nem respeito. E por que? Para esse novo aluno a escola não tem sentido. Meus pais, que eram operários, puseram suas filhas para estudar porque entendiam que a mudança, o subir um degrau social, estaria diretamente relacionada ao ensino. Hoje, ter ou não um diploma não faz grande diferença; por isso, o estudante não vê grande sentido na escola, o que se reflete na maneira como ele vê o professor – professor não é o transformador, não é um cara importante, não é o que vai mudar a vida dele, tudo isso independentemente dos outros fatores sociais como as mudanças da sociedade e da juventude. No atacado, ele ainda tem prestígio social. Há mais ou menos dois anos a Folha de São Paulo fez uma pesquisa que resultou em ótima nota para o professor, ele foi muito bem avaliado em termos sociais. Esse prestígio social no atacado ainda não se modificou.

## **E a escola, poderá ser a mesma?**

A escola não será a mesma, tenho certeza absoluta. Veja que hoje é muito difícil mudar de foco, até para o governante mais bem intencionado, com verba e tudo mais a que tenha direito. Isso não é para já: levou décadas para destruir, levará décadas para reconstruir. E com certeza o resultado não será o mesmo, pois a sociedade se transformou muito – esse lugar da escola também será um lugar diferente, o lugar de prestígio ela jamais voltará a ter.

## **O ensino a distância sucateia o professor ou lhe oferece um novo e importante papel?**

Eu acho que se pode até tentar, mas a experiência que tenho é de que o contato é fundamental. Creio que com o passar do tempo as coisas entrarão nos eixos. Hoje, para alguns setores, parece que o ensino a distância é a grande descoberta, tudo poderá ser feito a distância. Nós sabemos, como professores, que o buraco é muito mais embaixo. Com o passar do tempo a tecnologia será um instrumental de facilitação da nossa vida que os professores terão a obrigação de conhecer, mas o contato com o professor é absolutamente imprescindível e não há como substituí-lo.

## **Trata-se do contato entre os próprios estudantes...**

...sim, a própria vida social. A maior parte da vida das pessoas se constrói na escola. O que ele vai fazer no futuro, os amigos que ele tem, tudo isso ele conheceu lá. Ele vai manter um círculo relacionado com a sua memória de escola.

## **O sindicalismo docente precisaria atualizar sua prática, bandeiras e teorias?**

Penso que sim. Quem viveu os primeiros anos da década de 70, não viu grandes reivindicações do magistério; foi basicamente a partir da segunda metade para o final dessa década que essas reivindicações afloraram – salários, melhoria das condições de trabalho etc. Foi nesse momento que o sindicalismo que conhecemos se criou. E ele se cria em torno de uma estrutura velha, montada para os anos 60, portanto, inadequada. Nessa estrutura, eles conseguem se reformular muito bem e se tornar, durante muito tempo, a representação dos professores, ou pelo menos da maioria, sabendo incorporar aos sindicatos as reivindicações que os professores possuíam. Foi um momento em que ele teve um papel muito forte e ativo, eu diria que até o final dos anos 80, início dos 90. A partir daí, com a desestruturação dos sindicatos de uma maneira geral, isso também não deixou de afetar o sindicalismo dos professores. A Apeoesp continua com um número imenso de filiados, mas não consegue reunir meia dúzia na praça. A culpa não é só dela, mas é também dela. O que ela vai precisar fazer para sobreviver? Entender quem é o novo professor. Não é mais o professor dos anos 70, teoricamente mais ou menos bem informado, cujas dificuldades ele resolveria, em parte, na reivindicação, no movimento social. Não faz parte da maneira de pensar do professor atual. Goste-se ou não, será necessário conhecer a mentalidade desse novo professor e, de acordo com ela, reestruturar uma política sindical. Não é mais o que você quer, o que você deseja. A gente até gostaria que o professor viesse, reivindicasse, mas, vamos abrir os olhos, ele não o faz. Se ele não reivindica, o que ele quer? Temos de pensar de acordo com o que ele quer, ou não o representamos mais. A falta dessa informação afeta o movimento sindical como um todo, não só aos professores. Trata-se de conhecer melhor esse público pós-Consenso de Washington: o que fizeram com a cabeça dessa gente? o que ele pensa hoje? Se não formos nessa direção, não o representamos mais, e acho que é o que acontece hoje.

## **Como intelectual coletivo, os sindicatos não teriam também um papel formativo a desempenhar?**

Não há dúvida, e o sindicato teve um papel muito importante durante os anos 70 e 80. Vamos lembrar daquela greve no governo Montoro: numa das imensas passeatas na Brigadeiro, alguém começou a falar que havia um representante da campanha das diretas (de fato, era 1984), alguma pessoa para falar. Ouve-se um grito infernal da multidão: “Política aqui não!” Ora, o que estávamos fazendo na rua? Isso tudo fazia parte daquilo e era muito difícil de lidar. Mas vai ter de lidar com essa diferença, sob pena de não se representar mais. Naquela época era muito fácil, o pessoal que liderava o sindicato era conhecido, da mesma faixa etária, mas envelheceu. Não podemos perder a capacidade de observar, precisamos passar o bastão. Foi o que Fidel fez ainda em vida, a ponto de poder segurar alguma coisa.

## **A que a Sra. atribui o fato de, passados mais de 20 anos de poder civil democrático, a escola ter piorado, talvez com o único ganho de incorporar mais gente?**

É um ganho, mas não adianta incorporar se não se oferece ensino de qualidade. O que muda para o cara quando ele entra na escola? Não muda nada. Então, se a escola não mudar de forma, ela não é escola. Você me perguntava o que acho que é preciso fazer. Primeiro ponto, que geralmente ou é o último ou inexistente: elevar os salários dos professores, dar uma boa condição de vida ao profissional. Com isso, você muda tudo. Depois se pode pensar, talvez, em fazer currículos mínimos obrigatórios, entre outras coisas. Mas o ponto número um é

exatamente a elevação do padrão salarial. Se não se começa por aí, não há nada que se sustente.

### **Como a senhora vê as oposições, na educação superior, entre o público e o privado, a formação do cidadão e do trabalhador?**

Começando pela segunda polarização, entendo que é uma falsa querela pensar um cidadão dividido: ou a escola faz bem as duas coisas ou não faz nada. Imaginar que a escola vai preparar exclusivamente para o trabalho... Quando você chegar no trabalho, vai aprender aquilo que há de específico nele, questões pequenas que se aprende mediante as necessidades. Não há esse negócio de a escola formar para o trabalho, ela forma o indivíduo, inclusive para atuar profissionalmente. Isso eu acho uma falsa questão, uma forma de fugir da péssima qualidade que se oferece na escola. Quanto à questão do público e privado no ensino superior, indubitavelmente o percentual das públicas é muito pequeno. Mas qual é ainda o grande diferencial? A escola privada precisa entender que, para ela um dia chegar a um resultado diferente daquele que apresenta, não será pensando apenas no dinheiro que o aluno deposita – ela terá de investir em pesquisa. E isso não significa somente ter disciplinas que ensinem a pesquisar; você vai precisar, inclusive, de material para a pesquisa. Não vejo isso nas instituições privadas, e se isso não acontecer elas continuarão sendo a mesma coisa, e nós das públicas, a ser o que somos: inalcançáveis para elas. Como imaginar que uma escola privada queira um professor com 8 horas em sala, em vez de 40? Ou elas têm um profissional que investe no educacional, ou simplesmente vão receber o que recebem do aluno; vão apenas poder mostrar a estatística de domínio de mercado e número de estudantes, e qualitativamente não ocuparão o espaço das públicas.

### **Perdemos uma geração, tanto do ponto de vista profissional quanto do cidadão?**

Eu diria que a gente vem perdendo, e não apenas uma geração. Para recuperar o tempo perdido seria preciso mudar a mentalidade dessas instituições privadas. Evidentemente, não sobreviveriam todas, haveria um enxugamento. Sabemos que, para uma instituição desse tipo também trabalhar com pesquisa, ela precisaria adotar um perfil completamente diferente, que não é o do professor-horista que domina as escolas privadas. Isso também levaria ao enxugamento do quadro, mas se ela não fizer isso continuará com o discurso de que dominam o mercado e têm muitos estudantes, mas sem resultados à altura das condições que ela tem.

### **Caberia perguntar se os estudantes estão satisfeitos, não é?**

Sim, pois qual é a função da escola? Transformar o indivíduo, ele entrou um e saiu outro. Se ela não vai mudar substancialmente a minha existência – e aqui não me refiro a espaço no mercado de trabalho –, se não vai mudar o que eu sou, se não vai me transformar numa pessoa diferente, essa escola não vale de nada.

### **Haverá lugar para todos?**

Não, e essa é uma questão do mercado de trabalho. Ano passado, quatro dos meus alunos defenderam o doutorado e ficaram desempregados, pois já não aceitam doutores; eles não têm lugar para trabalhar porque as instituições preferem os mestres, paga-se menos. Assim, a questão do mercado de trabalho é um problema muito sério, e para resolver essa questão seria preciso planejá-lo. Mas planejar o mercado de trabalho significa interferir no livre-arbítrio da pessoa, escolhendo o que ela deve fazer. Essa é uma questão para a qual não tenho resposta; só tenho certeza de que há lugar para muito poucos. Temos aí um exército de reserva imensa de mercado, e isso é muito negativo porque deprime salários.

### **O neoliberalismo, enquanto corpo ideológico, manterá sua vigência?**

Não, ele está acabando. Fez um estrago considerável, do qual muito dificilmente vamos nos recuperar. E se nos recuperarmos vamos apenas chegar onde estávamos. Basta pensar no que ele fez com as carreiras profissionais, na destruição das relações de trabalho. Felizmente, a era do neoliberalismo acabou, o estrago que tinha de fazer já foi feito e acho que vamos construir alguma outra coisa, em novas bases, da mesma maneira que ocorrerá com o sindicalismo. A sociedade ainda não se livrou dos males causados pelo neoliberalismo, especialmente do retrocesso nas relações profissionais. Mas ele não terá mais vigência.